



Teatro de Ferro



Acidente 1 © Susana Neves

O Acidente

M/16

Sinopse

O Acidente assenta na ideia de descrever traços de uma macro-realidade através dos respetivos ecos numa micro-realidade. Para tanto, recorreremos ao dispositivo do desastre aparatoso, da catástrofe de grandes proporções, palcos onde se cruzam desconhecidos perante aquilo a que a filosofia designa como «situação-limite», atribuindo-lhe um elevado potencial, ao nível da emergência de questões éticas e políticas. O teatro de operações construído com base nesse dispositivo será, de diversas maneiras, aberto à participação do público (ah,ah,ah, isso é que era bom). O ACIDENTE organizar-se-á como uma visita guiada ao local do sinistro acontecido ou a acontecer, ao epicentro de uma enigmática catástrofe. Neste museu morto-vivo, neste parque mais ou menos temático, o que parece é. É mais grave do que pode parecer à primeira vista, à primeira escuta.

Texto

Diário de bordo com três dias de ensaios e a cinquenta e tal da estreia.

Nestes três dias lemos e/ ou relemos em conjunto umas partes de A doutrina de Choque da Naomi Klein, estamos também a rodar entre nós a ficção de projeto/museu O Sarcófago congemina no início deste século pela dupla Bilal/ Christine. Vimos e revimos o Stalker do Tarkovsky, cada um em sua casa, como convém. Todos juntos, picámos o The War Game do Peter Watkins no You Tube, por indicação expressa de R & S... acabámos - por contágio, propensão, ou outro problema qualquer deste grupo - por ir parar à Comuna de Paris, pelo mesmo Watkins. O traveling inicial pelo decor, apresentado pelo watkins junior, revelou-se mais inspirador do que seria de esperar.

(O modo e como se entra e sai da ficção - como os autores e os atores se dirigem diretamente ao público...a estudar em ambos os casos)

Quando não estamos a ler, nem a ver filmes, ou estamos a discutir, ou a improvisar sobre uma série

de materiais e objetos (no sentido matérico, propriamente dito), estes tanto podem ser rigorosamente selecionados - como é o caso das colchonetes de campismo adquiridas numa conhecida cadeia de distribuição de consciência social, por menos de quatro euros a unidade - como achados ou perdidos no atelier, na sala de ensaios, no armazém.

Uma outra atividade tem ocupado uma parte importante do nosso tempo: inventar modos de cantar e dizer os textos-poemas que a Regina entretanto tem escrito para o espetáculo, falamos da privatização generalizada de todos os aspetos da vida, de homens que fecham os filhos no quarto escuro para os castigar, das geometrias variáveis dos expedientes político-económicos, do regresso a novas formas de obscurantismo. Cantamo-los e dizemo-los ainda mal, mas como se não houvesse amanhã. Mas há. Amanhã há ensaio.

O Acidente assenta na ideia de descrever traços de uma macro-realidade através dos respetivos ecos numa micro-realidade. Para tanto, recorreremos ao dispositivo do desastre aparatoso, da catástrofe de grandes proporções, palcos onde se cruzam desconhecidos perante aquilo a que a filosofia designa como «situação-limite», atribuindo-lhe um elevado potencial, ao nível da emergência de questões éticas e políticas. O teatro de operações construído com base nesse dispositivo será, de diversas maneiras, aberto à participação do público (ah,ah,ah, isso é que era bom).

O Acidente organizar-se-á como uma visita guiada ao local do sinistro acontecido ou a acontecer, ao epicentro de uma enigmática catástrofe. Neste museu morto-vivo, neste parque mais ou menos temático, o que parece é. É mais grave do que pode parecer à primeira vista, à primeira escuta.

No principio foram os coletes reflectores...

Viajo de moto na auto estrada. Vejo na berma um pequeno acidente entre alguns veículos ligeiros.

Por motivos de segurança - a minha própria e dos demais - e alguma curiosidade mórbida, abrando. Felizmente não há feridos, no máximo feridos ligeiros, como os seus veículos...

Uma quinzena de cidadãos entre condutores e passageiros, talvez um pouco mais, apresenta-se em torno das viaturas amolgadas. Percorre-os um ar estranho, entre o medo e a revolta, a resignação e a expectativa. Uma boa parte destas pessoas enverga coletes verde fluorescente com bandas refletoras de alta visibilidade. Todos aguardam a chegada e a intervenção das autoridades.

Por um instante, com alguma imaginação, aquelas pessoas podiam estar a participar numa qualquer espécie de protesto político. Não, talvez não. Sigo viagem.

Foi este acontecimento fugaz e particularmente a tomada de consciência do efeito que produz esta espécie de dress code (obrigatório por exemplo em acidentes e estaleiros de construção) que despoletou este processo de criação. O interveniente num sinistro e o operário partilham o mesmo figurino e a obrigação de sinalizar o seu corpo e a sua presença.

O Acidente é um espetáculo. Um acidente é frequentemente o resultado de uma acumulação de erros e negligências. Um espetáculo é também uma sucessão, mais ou menos consciente, de tentativas de evitar uns e outros. Há sempre algo de espetacular no acidente e algo de accidental num espetáculo. Um espetáculo pode sempre ser um desastre, uma catástrofe, um sucesso.

Neros de trazer por casa, Heróstratos amadores e/ou apagados pagadores.

Fomos chamados a apagar (e a pagar)os fogos ateados pelos pirómanos da alta finança, quais bombeiros involuntários. Este espetáculo é também um pretexto para pensarmos sobre o estado de exceção cada vez mais permanente, sobre o desastre e os seus responsáveis, sobre as oportunidades que se abrem, se criam para alguns (muito poucos) em cada catástrofe, em cada crise.

Enquanto podemos, fazemos turismo ou viajamos em trabalho, fazemos de conta que não damos conta da humilhação a que somos sujeitos de cada vez que nos aproximamos de uma porta de embarque de um aeroporto. Neste espetáculo trabalhamos sobre essa névoa pegajosa que torna tênue a fronteira entre o cuidar e o oprimir.

Escutar e ser escutado...

Em **O Acidente** regressamos à canção teatral e à palavra dita-cantada. Esta última consiste numa fórmula híbrida em que o texto é perscrutado também nas suas dimensões rítmica e melódica, na sua musicalidade interna e nas relações com a música.

A matéria e o corpo. Animação e reanimação. Primeiros e últimos cuidados...

O Acidente inscreve-se na pesquisa marionetística que temos vindo a fazer sobre a ambiguidade entre o animado e o inanimado. Entre o vivo e o morto, ou o não vivo.

O local do sinistro. O refúgio. O memorial...

Ficha técnica

Texto e Dramaturgia

Regina Guimarães

Letras das canções

Regina Guimarães

Encenação

Igor Gandra

Cenografia

Igor Gandra

Música

Carlos Guedes

Assistência de encenação

Carla Veloso

Interpretação

Catarina Lacerda, Ivo Alexandre, José Pedro Ferraz, Julieta Rodrigues

Desenho de luz

Gil Rovisco

Produção

Isabel Nogueira

Coprodução

Teatro de Ferro, Guimarães 2012 · Capital Europeia da Cultura, Festival Internacional de Marionetas do Porto

Imagens



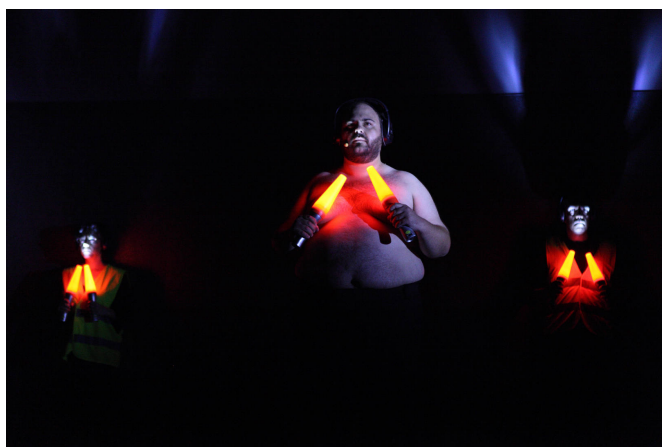
Acidente 2 © Susana Neves



Acidente 3 © Susana Neves



Acidente 4 © Susana Neves



Acidente 5 © Susana Neves



Acidente 6 © Susana Neves

Apresentações

Guimarães 2012 · Capital Europeia da Cultura

Fábrica ASA · 02/07/2012 00:00 - 04/07/2012 23:59

fimp'12 · Festival Internacional de Marionetas do Porto 2012

Casa da Música · 14/09/2012 21:30

Teatro de Ferro

O **Teatro de Ferro** surgiu em 1999 com direcção artística de Carla Veloso e Igor Gandra.

O nome - **Teatro de Ferro** - pressupõe uma noção de matéria primordial resistente e ao mesmo tempo mutável: um processo de transformação que continua a ser inspirador.

O trabalho da companhia tem sido desenvolvido principalmente no campo do teatro de marionetas e objetos - inscreve-se uma lógica de investigação em que a marioneta assume um valor matricial nas suas hibridações possíveis, tentadas e tentadoras.

As relações do corpo-intérprete com o objeto-mundo manipulado e a implicação de cada espetador na construção desta relação são linhas de reflexão transversais à extensa prática artística do **Teatro de Ferro**.

O **Teatro de Ferro** tem sido apoiado, desde 2003, pelo Ministério da Cultura/Direcção-Geral das Artes.

Teatro de Ferro

Travessa da Formiga 65, piso 1

4300-207 Porto

teatrodeferro@gmail.com

- <https://vimeo.com/teatrodeferro>
- <https://www.youtube.com/@teatrodeferro>
- <https://www.facebook.com/teatrodeferro>
- <https://www.instagram.com/teatrodeferro>